



**PENSAR O COTIDIANO COMO REDES DE FAZERESSABERES TECIDAS PELAS CRIANÇAS CIGANAS DOS
ACAMPAMENTOS DE CARAPEBUS E QUISSAMÃ**

EIXO TEMÁTICO: VIII – Lutas indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais e infâncias

Maria Cristina Marques
1

RESUMO: Este artigo integra uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é estudar o cotidiano das crianças ciganas. Os ciganos foram vítimas do holocausto e sofreram cruéis perseguições. Ainda hoje é possível perceber as visões negativas atribuídas a essa etnia. Embora existam muitas comunidades ciganas espalhadas pelo Brasil, elas continuam invisíveis para o governo brasileiro no que diz respeito à saúde, na participação política e no acesso à escola. Esses estudos justificam-se por se tratar de estudar um povo livre, sem endereço fixo, passando quase como despercebidos, cheios de crença, como se não fossem importantes. Assim como os povos tradicionais africanos, a história dos ciganos não deixou registros, por ser de uma comunidade tradicional sem escrita, tendo as suas culturas transmitidas pela oralidade. O recorte é dado às crianças por serem sujeitos, que enfrentam preconceitos da sociedade. As crianças dos acampamentos de Quissamã e Carapebus, municípios do Rio de Janeiro, convivem em grupos, voltadas à comunidade familiar, vestem-se de roupas típicas, em seus cotidianos, envolvem-se em brincadeiras e tentam manter os seus elementos identitário. Vale ressaltar que essas crianças pertencem a um grupo étnico minoritário e tentam conviver em harmonia com a cultura hegemônica do lado de fora de suas comunidades. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, bibliográfica e de natureza qualitativa. Como técnica de pesquisa, optamos pela observação participante, com utilização de imagens, gravações de vídeos em celular e entrevistas. Nesse trabalho, dialogamos com os chamados Estudos da Infância de Sarmiento (2015), que defende a infância como uma categoria social do tipo geracional, com Stefanovsky (2015), Ventura (2004) e Adolfo Coelho (1995) que trazem os referenciais da cultura cigana. A autora Nilda Alves que apresenta um mergulho nos estudos de *espaçotempo* dos cotidianos. Nossa prática sempre envolve fotografia. Por isso, Caputo nomeou o que fazemos de *fotoetnografia miúda* (2018) vivenciada, no caso específico dos ciganos, nas visitas frequentes desde o início de 2019 a três acampamentos ciganos: Fotografamos, entrevistamos, conversamos, observamos grupos de crianças ciganas e suas famílias.

Palavras-chave: crianças ciganas, Infância, cotidianos

¹ Professora de Letras: Inglês-Português (FEUC), Doutoranda em Educação (UERJ), Mestra em Educação e Relações Étnico-Raciais (CEFET-RJ), Especialista em Afrocartografia pela FUNEMAC – Fundação Educacional de Macaé. Professora das disciplinas de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Macaé e Língua Inglesa da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro, Brasil. Contato: e-mail. mariacmarques2010@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Figura 1: Diana Soares



Fonte: arquivo pessoal². (2019)

Figura 2: Daiane Soares



Fonte: arquivo pessoal. (2019).

Daiane: “*Queria botar aparelho, pra fechar aqui*”.

Diana : “*Pra que fechar aí, depois fecha, vai fechar devagar, eu acho*”.

Daiane: “*porque fica feio*”.

INTRODUÇÃO

A narrativa aconteceu entre Daiane Soares de 11 anos, e sua mãe, Diana, de 32 anos de etnia cigana, que moram em um acampamento em Carapebus, na Rua Projetada, paralela à Rua Salim Salém Bechara.

Durante visitas aos campos de pesquisa nos municípios de Quissamã e Carapebus registramos, por meio de vídeos de celular e gravações de voz, alguns diálogos dos ciganos. A partir disso, tentaremos fazer um entrecruzamento dos modos de ser dos ciganos entrevistados, com sua cultura e com seu cotidiano. A pesquisa ocorreu em Carapebus e Quissamã, que fazem divisa com os municípios de Macaé e Conceição de Macabu, no Estado do Rio de Janeiro.

O presente estudo, em andamento, tem como objetivo relatar parte das pesquisas do contexto do cotidiano dos grupos ciganos da Região Norte Fluminense, buscando observar expressão cultural e interação social, por meio de uma análise baseada nos conceitos: cotidianos, infância e cultura.

Esses estudos justificam-se por se tratar de um povo livre, sem endereço fixo, passando quase como despercebidos, cheios de crença, como se não fossem importantes. Assim como os povos tradicionais africanos, a história dos ciganos não deixou registros, por se tratar de uma

² As imagens acima contém documentos de autorização pelo grupo de estudos Kekerê-UERJ, para serem expostas em textos acadêmicos



comunidade tradicional sem escrita, tendo as suas culturas transmitidas pela oralidade. O recorte é dado às crianças por serem sujeitos, que enfrentam preconceitos da sociedade, tema pouco debatido.

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, bibliográfica e de natureza qualitativa. Como técnica de pesquisa optamos pela observação participante, com utilização de imagens, gravações de vídeos em celular e entrevistas.

Por assim entendermos crianças como sujeitos que têm voz, fundamentamos os nossos escritos com os chamados Estudos da Infância. Sarmiento defende que a infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social. O estudioso diz que a Sociologia da Infância vem se transformando dia após dia, tanto em Portugal como também no Brasil. Já podemos perceber as inovações no domínio das metodologias de pesquisa *sobre/de/com* as crianças.

Caputo (2018), com argumentos em Alves (2008), destaca o primeiro dos seis movimentos utilizados pela autora em relação às pesquisas acerca do cotidiano: “é preciso executar um mergulho com todos os sentidos no que desejo estudar (p. 17)”. Fazemos etnografia com crianças. Nosso mergulho com todos os sentidos é nos *espaçostempos* que vivenciamos.

Aprender o cotidiano de determinado grupo é entender e vivenciar o que dali se pode verdadeiramente extrair. Viver o que o outro vivencia é o caminho para entender e submergir ao mundo do sujeito, sentindo as mesmas coisas e compartilhando as experiências de acordo com Alves (2007).

1. Os dentes de ouro

A conversa no início desses escritos ocorreu durante o cotidiano de minhas pesquisas. No decurso de minhas visitas, a menina observa-me, enxerga as minhas obturações, questiona se o metal que se encontra entre os meus dentes é de ouro. A partir disso, o diálogo com a mãe acontece sobre a menina ter ou não dentes de ouro.

Partilhamos mais um pensamento de Sarmiento (2004) quando afirma que as crianças de todo o mundo compartilham da modernidade os produtos culturais ligados à informática, aparelhos domésticos de última geração, roupas de marca dentre outros meios culturais. Para o autor, “há uma só infância no espaço mundial, com todas as crianças compartilhando os mesmos gostos (...)”. Sarmiento usa o conceito de “globalização da infância”. Conclui o estudioso: “Há várias infâncias dentro da infância global, e a desigualdade é outro lado da condição social da infância



contemporânea” (SARMENTO, 2004, p. 6-9). O conceito de desigualdade dispara perante o processo homogeneizador de cultura global.

2. Um pouco da cultura cigana

Stefanovsky (2015) enfatiza que os ciganos dividem-se em três grandes grupos que são os calé da Espanha, dos quais provêm os calons de Brasil e Portugal; os rom, grupo mais numeroso e presente em diversos países da Europa; e os sinti ou manouches, mais frequentes na Alemanha, França, Itália, Áustria e Rússia.

Segundo Adolfo Coelho: “Quatro são os sentimentos principais dos ciganos para com os da raça: o amor extremo dos filhos, a fidelidade conjugal, a fraternidade, o respeito dos velhos” (p.170). Procuram sempre seguir a tradição. Mesmo não mantendo vínculos de sangue, a comunidade cigana convive harmoniosamente. “São raras as rixas entre os ciganos que se encontram bem unidos em muitas ocasiões” (COELHO, 1995, p. 171).

Teixeira (2007) afirma que a solidariedade entre a comunidade acampada é muito grande, mesmo que houvesse diferenças e diversidades entre eles. “Os ciganos faziam da própria fluidez, da flexibilidade de sua identidade, um fator de fortalecimento desta solidariedade”. Ademais, para endurecimento ainda maior da identidade cigana, fazem alianças matrimoniais e festas convidando outras comunidades (TEIXEIRA, 2007, p. 22).

Ventura (2004) declara que os ciganos, desde os fins do século XV, devido ao seu estado de nômades, encontraram muitos estereótipos, tais como ladrões, bruxos, e toda a associação de povo de malfeitores de práticas e costumes estranhos. Devido a tantas ojerizas, segundo a autora, os ciganos partiram para ter sua própria moradia e muitos deles resolveram sedentarizar-se. Tal fato fez com que esse povo abandonasse muitos de seus costumes e de suas relações étnicas. Desse modo, alguns ciganos esconderam a sua origem étnica (VENTURA, 2004, p. 27).

Stefanovsky (2015) afirma que, no século XVI, as alcunhas de “fora da lei” e etnias que não conseguiam viver em comunhão com a sociedade dos não ciganos tornaram-se empecilhos nas caminhadas desses andarilhos das estrelas. Devido a suas aptidões em “Forjar utensílios e armas em metais”, que não pertenciam a qualquer cidadão não cigano, passaram a diferenciar-se da comunidade pela qual escolhiam para conviver. É factível mencionar que esse povo ama ser livre e não aceita imposições senão de sua própria comunidade. Desse modo, “o estereótipo dos ciganos começa a tomar corpo e expande-se em vários aspectos, chegando a incluir certa visão romantizada



do grupo. A exemplo disso, temos a aceitação por alguns acerca das nomenclaturas ‘cigano’ e ‘gypsies’ e suas variantes em outras línguas”. Segundo a autora,

O epíteto cigano é uma designação dada pelo outro. De fato, não existe na língua romani, nenhum equivalente ao termo ‘cigano’. O ato de ser nomeado e não nomear-se (sic) é uma característica da cultura e da linguagem dos romã (STEFANOVSKY, 2015, p. 38).

Como destacou a pesquisadora, nós inventamos nomes para essa etnia. Vale ressaltar que, quando estivemos no campo etnográfico, percebemos que eles nos nomeiam “brasileiros”. Face ao exposto, cabe mais pesquisas a esse respeito. Se nós somos brasileiros, quem são eles?

No acampamento de Carapebus, Diane Soares relata que seu esposo “vende relógios, passarinhos, negocia carros”. Aos sábados, enquanto a pesquisa acontecia, assistíamos aos homens se prontarem para os negócios. À tarde, bebem com outros amigos ciganos e não ciganos. Às mulheres cabem a manutenção da barraca e a alimentação da família.

No âmbito familiar, a criança cigana é orientada coletivamente, deve ser independente, ter autonomia. Dentro desse contexto, ainda é passível mencionar que “A educação da criança é muito permissiva. Dentro das possibilidades econômicas da família, as crianças obtêm o que querem”. Segundo Ventura (2004), a família não mede esforços para atender aos desejos de suas crianças. A menina tem uma criação mais recatada, enquanto o menino deve mostrar sempre valentia (VENTURA, 2004, p. 38-46).

4. Um olhar de dentro da comunidade

A professora Nilda Alves narra em seus estudos que se deve compreender as coisas mergulhando inteiramente em uma determinada realidade, onde se pode buscar referências de sons, sentir a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas dentro do mesmo ambiente estudado (ALVES, 2001, p. 17).

Tal experiência leva o observador a uma vivência real do grupo observado. Eu, como pesquisadora pude experimentar, mesmo que com algumas restrições impostas pela comunidade, especialmente pela inicial desconfiança arredia, que o cotidiano dos acampamentos assemelha-se ao de famílias denominadas “comuns”, guardadas cada qual a sua própria história e traço cultural.

Nas pesquisas com os cotidianos, das poucas vezes que estive em trabalho etnográfico, aprendi sempre que, ao mesmo tempo em que faço a minha pesquisa, venho aprendendo com eles.



Imaginava que tudo que encontraria lá seria como nas leituras que vinha fazendo acerca desse povo, desde o início do ano.

Nessa perspectiva, Alves (2003) enfatiza que “todo esse processo nos mostra em permanente movimento e nos indica que somos e pensamos diferentes daquilo que pensávamos pensar algum tempo atrás”. Esse é o modo de fazer e criar conhecimentos oriundos da cultura cigana, dos *espaçostempos* de reprodução, transmissão e criação que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos, que “misturam sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir, dentre outros sentidos (ALVES, 2014, p. 4).

A partir das redes educativas, parto de um olhar de *dentro* da comunidade dos ciganos, aprendo e reaprendo o que li sobre eles, antecipadamente. Escrever sobre essa etnia é estar diretamente ligada ao que presencio em seus *espaçostempos* de Carapebus e Quissamã, em que vivem muitas famílias ciganas sedentárias, com construções de casas de alvenaria, formando uma multidão de ciganos com muitas barracas, os chamados de ciganos nômades.

Alves diz que sentimentos e ações fazem parte de nossos estudos. Pesquisar onde lhe permitir alcance, conviver. Convém ressaltar que a ida a campo consistia em participar de um universo desconhecido. Já havia realizado muitas leituras acerca da temática, algumas bem fantasiosas, pois imaginava que os ciganos viviam num mundo como o personagem retirado do livro infantil de Bartolomeu Campos Queirós.

Hoje, depois de muitos anos, os ciganos ainda surgem. Chegam sem avisar, armam suas tendas, acendem fogueiras, prometem amores e falam de fortunas. Não faz muito, encontrei um menino. Estava alheio como antes da chegada ou depois da partida dos ciganos. Ele passava entre fadas, conchas, pássaros e domingos. Tentei por outra vez adivinhar seu pensamento. Vi que seu coração já não anda farto de desejos. Como caramujo, enrolado sobre si mesmo, ele imagina viagens a lugares que só existem muito depois das nuvens (QUEIRÓS, 1983, p. 30).

Nessa rede de conhecimentos, observo os ciganos. Eles não mais se enrolam sobre si mesmos como caramujos, mas convivem com outros não ciganos, nos subúrbios das cidades da região Norte Fluminense. Aprendem, adaptam-se aos costumes do outro, adquirem seus hábitos para conviverem em harmonia. São estranhos para os que lá moram, *os de dentro*, os que vivem neste espaço. Os ciganos são *os de fora*, mas ignoram essa estranheza e se adaptam ao local escolhido.

Para compreender a real vida cotidiana de um grupo, em qualquer dos *espaçostempos*, nas palavras de Nilda Alves: “é preciso estar atenta a tudo o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não”. Porém, também é necessário, ainda segundo a mestra, reconhecer que isso



não é fácil, pois o ensinado leva a estruturas complicadas de observação e classificação, dispondo-se a mergulhar na realidade (ALVES, 1998, p. 15).

Carlos Eduardo Ferração ensina-nos sobre o estudo do cotidiano. Superar o que o autor chama de engessamento das pesquisas é tarefa árdua, porém necessária. Para tanto, faz-se essencial criar novas metodologias e fórmulas que possam, dentro do tempo, espaço e imersão ao mundo pesquisado, recriar de maneira mais verossímil possível a realidade do grupo estudado. O autor aponta-nos que:

Um primeiro aspecto que temos tentado pensar se coloca na própria condição da vida vivida no cotidiano. Assim, em vez de um sistema formal e *a priori* de categorias, conceitos, estruturas, classificações, ou outras formas de regulação, de ordenação exterior à vida cotidiana; temos considerado a possibilidade de pensar o cotidiano como redes de *fazeressaberes* tecidas pelos sujeitos cotidianos (FERRAÇO, 2008, p. 77).

O *fazersaber* que trata o professor reflete a readaptação dos modos de vida e do próprio cotidiano das pessoas. Essas redes são tecidas diariamente e, para que se possa compreendê-las, é necessário muito mais do que uma simples observação ou uma captura de imagens. É importante que se faça integrar tal cultura, de forma a viver o que o outro vive.

O cotidiano do grupo cigano também é influenciado pela modernidade e pelas novas tecnologias. Na visita ao acampamento, é possível ver utensílios domésticos, televisores modernos, uma caminhonete do modelo mais recente e caro do mercado. A cultura guardada pelas tendas apenas acoberta a entrada da era da modernidade.

Foi possível vivenciar ainda no mesmo ambiente do acampamento, uma disparidade entre o comportamento de mulheres ciganas. A mãe, ao ser perguntada sobre um número de contato através de um celular, explicou-me que as mulheres não poderiam usar tal tecnologia, que lhes era proibida. Usou as palavras “as mulheres não têm permissão para usar, só os homens.”

A disseminação de imagens e sons, nos estudos de Maria da Conceição Silva Soares, mostra-nos que a

intrusão das narrativas audiovisuais, especialmente as televisivas e cinematográficas, em nossas vidas cotidianas não é recente. Também não é novidade o modo pelo qual elas desorganizam e reorganizam as práticas culturais, se constituindo, simultaneamente, em um desafio e em novas possibilidades para a educação (SOARES, 2016, p. 31).

Equipamentos como um televisor, um rádio e os celulares são dispositivos que introduzem ao meio a cultura predominante dos grupos mais fortes. É através deles que se podem obter



informações do mundo externo e transmitir, especialmente às crianças, novas experiências de vida. As crianças ciganas crescem sob o impacto da globalização e da era tecnológica, que pode ser observado no diálogo entre mãe e filha.

CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR

Apresentamos esses escritos iniciais, que fazem parte de nossa experiência nas pesquisas com crianças ciganas, que serão melhor desenvolvidos no decorrer de nossos estudos.

Esta pesquisa dá os seus primeiros passos, mas com intenções sucintamente pretensivas: entender como é o cotidiano e os saberes das crianças ciganas dos acampamentos de Carapebus e Quissamã, inicialmente, entender a formação identitária dessa etnia e contribuições relevantes às descobertas desse povo na sociedade.

Ademais, pesquisar como aqueles andarilhos das estrelas chegaram a Região Norte Fluminense, qual o motivo de se situarem num espaço tão afastado, rural, perto de cidades grandiosas como Campos de Goytacases e Macaé. Estes serão alguns questionamentos de suma importância para o nosso trabalho.

A observação do cotidiano das pessoas, em especial, crianças da comunidade cigana de Carapebus e adjacências, através das visitas e observações da vida comum desse grupo, poderá levar essa pesquisa ao entendimento maior de sua cultura e expressividade social, abordando especialmente as formas com que essas tradições são transmitidas dos mais velhos aos mais novos.

Entender o que se passa e como chegaram até ali é estudar a história dos grupos observados. Os ciganos e suas crianças recriam uma cultura adquirida e moldada por centenas de anos, dentro de uma peregrinação sociocultural, que absorve um pouco de cada *espaçotempo* por eles percorrido. Novas formas de reordenamento do grupo puderam ser observadas e muito ainda se tem a observar.

Durante esses pontos iniciais da pesquisa procurei observar e interagir com o grupo cigano, no intuito de receber o máximo de informações, que podem ser capturadas através do estudo de campo e das visitas locais. A pesquisa encontra-se em andamento e visa reviver a experiência, sob o ponto de vista do próprio indivíduo emergido na cultura estudada.



BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda. *Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas*, 1998. Disponível em: <https://coletivoepa.pbworks.com/.../Decifrando%2Bo%2Bpergaminho%2B%2Bnilda%2Balv> Acesso em 20 de junho de 2019.

_____. *Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

_____. *Cultura e cotidiano escolar*. *Revista Brasileira de Educação*, número 23, maio/junho/julho/agosto, 2003.

CAPUTO, S. *Reparar Miúdo*, Narrar Kékeré- Notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. *Revista Teias* v. 19. n. 53. Abr./Jun. 2018.

CAPUTO, Stela Guedes, *Educação nos terreiros: e como a escolar se relaciona com as crianças de candomblé*, Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

COELHO, Adolfo. *Os Ciganos de Portugal – com um estudo sobre o Calão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmem Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis, RJ: DP et Alii Editora Ltda, 2008.

_____. *Pesquisa com cotidiano*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007 73 . Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campo. *Ciganos*. Belo Horizonte: Editora Miguilim, 1991.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SOARES, Maria da Conceição Silva. *Visualidades*, Goiânia v.14 n.1 p. 80-103, jan-jun 2016.

STEFANOVSKY, Ana Paula C. B. Soria Voria. *“Juncos ao vento”*: literatura e identidade romani (cigana) El alma de los parias, de Jorge Nedich. Brasília, 2015, 332 páginas. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19111/1/2015_%20AnaPaulaCastelloBrancoSoria.pdf >. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.



V Seminário
Luso-Brasileiro
de Educação
Infantil

II Congresso
Luso-Áfro-Brasileiro
de Infâncias e
Educação

**Infâncias,
cidade e
democracia**

10 a 13 de dezembro de 2019

na Faculdade de Educação da USP

VENTURA, Maria da Conceição Sousa Pereira. *A Experiência da Criança Cigana no Jardim de Infância*. Braga- Portugal, 2004, 224 páginas. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3282/1/Tese-vol.I.pdf>, >. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.